

Marinho mira traições no Senado para vencer Pacheco

Pacheco continua favorito no Senado, mas Rogério Marinho aposta em traições

Candidatos à presidência da Casa também contam com votos em partidos com base rachada como União Brasil, Podemos e PSDB

Thaís Oliveira

BRASÍLIA Na reta final das eleições para a presidência do Senado, aliados do senador eleito Rogério Marinho (PL-RN), ex-ministro de Bolsonaro, apostam no apoio de partidos rachados e em traições para tentar vencer o favoritismo do presidente atual, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), na votação da próxima quarta (9°).

No Senado, os votos da base governista dão fôlego à candidatura de Pacheco, mas a situação é bem menos confortável que a do deputado federal Arthur Lira (PP-AL), que, sem adversários competitivos, deve conquistar a presidência da Câmara dos Deputados com facilidade.

Para fortalecer a candidatura de Marinho, o PL acertou a formação de um bloco com Progressistas e Republicanos. Esses partidos formaram a base do governo de Jair Bolsonaro (PL) no Congresso. Juntos, reúnem 23 senadores.

Já o PT e o PDT anunciaram publicamente que estarão com Pacheco, mas o mineiro terá também o apoio do próprio PSD e dos demais partidos da base aliada: MDB, PSB, Rede e Cidadania—que somam 39 senadores.

“O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, demonstrou um comportamento em defesa da democracia irrefutável. Eu acho que o melhor terreno para plantar e colher direitos é a democracia”, afirmou na quinta-feira (26) o futuro líder da bancada do PT, Fabiano Contarato (ES).

Apesar da diferença, tanto Pacheco como Marinho contam com votos de senadores de três siglas que acumulam divergências internas e decidiram ficar independentes em relação ao governo Lula: União Brasil, Podemos e PSDB.

Também corre por fora na disputa Eduardo Girão (Podemos-CE), mas o senador não conta com o apoio nem do próprio partido. O líder do Podemos, Oriovisto Guimarães (PR), afirma que a legenda deve liberar os cinco integrantes da bancada.

“A gente tem conversado por telefone e não acredito que o partido vá assumir uma posição. Tem senadores de um lado e de outro, e não podemos quebrar o partido por causa de uma eleição”.

“Não tem como fechar questão [definir a posição do partido e orientar a bancada] nesse assunto porque o voto é secreto. Tem muito partido que está dizendo que todos os senadores vão votar no candidato tal, mas em todos há divergências”, completa.

Outra sigla que reúne eleitores de Pacheco e Marinho é a União Brasil, com dez membros. A bancada é liderada por Davi Alcolumbre (AP)—um dos principais aliados do atual presidente do Senado—, mas também conta com o bolsonarista Alan Rick (AC) e o ex-ministro da Justiça Sergio Moro (PR).

Senadores que têm conversado com Moro dão como certo o voto dele em Marinho. Questionado sobre o assunto nesta quinta-feira, Moro afirmou à Folha que só ele fala por si, que ainda avalia as três candidaturas e que sua decisão não está tomada.

Em caso de vitória de Pacheco, Alcolumbre deve presidir a CJC (Comissão de Constituição e Justiça)—a principal comissão da Casa— por



Rodrigo Pacheco (PSD-MG) no plenário do Senado. Rique de Sá - 21.dez.22/Agência Senado



Rogério Marinho (PL-RN) durante audiência. Rique de Sá - 5.nov.20/Agência Senado

ENTENDA A ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE DO SENADO

41 é o número de votos necessário para ser eleito, em primeiro ou segundo turno

Apoiam Rodrigo Pacheco

- PSD: 13
- PT: 9
- PDT: 3
- PSB: 2
- Rede: 1
- Cidadania: 1
- TOTAL: 39**

Apoiam Rogério Marinho

- PL: 13
- Progressistas: 6
- Republicanos: 4
- TOTAL: 23**

Sem definição

- União Brasil: 10
- Podemos: 5
- PSDB: 4
- TOTAL: 19**

mais dois anos. Ele tem participado ativamente das articulações para a reeleição.

Parlamentares do PL dizem que Marinho também tem votos em partidos da base governista e ressaltam que a votação é secreta. A divergência, apontam, existe inclusive no PSD, sigla de Pacheco.

Uma das dúvidas é sobre o voto de Lucas Barreto (PSD-AP), rival político de Alcolumbre e do líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues (Rede-AP). Perguntado pela Folha, o senador afirmou que a votação é secreta e que não vai revelar seu voto.

Nesta sexta-feira (27), durante reunião da bancada do PSD, ao menos dois senadores se queixaram do papel de Alcolumbre na negociação de comissões e cargos na Mesa Diretora do Senado. Diante dos atritos, a bancada não anunciou apoio a Pacheco abertamente após o encontro.

Na quinta, Marinho fez questão de agradecer o apoio da emedebista Ivete da Silveira (SC), que assumiu a vaga de Jorginho Mello (PL), eleito governador de Santa Catarina. O MDB não só apoia a reeleição de Pacheco no Senado, como pretende manter na vice-presidência Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB).

A eleição para presidente do Senado virou motivo de batalha nas redes sociais. Nos últimos dias, aliados de Marinho lotaram a caixa de e-mail dos

senadores, ligaram para os gabinetes, mandaram mensagens e comentaram em publicações na Internet.

Na última segunda-feira (23), Weverton Rocha (PDT-MA) fez questão de repudiarmos a conduta dos bolsonaristas ao anunciar apoio a Pacheco. O senador disse que os parlamentares estão sendo pressionados por “covardes”, que acham que vão “intimidar”—o gabinete dele afirma ter recebido mais de 500 emails.

Diante da reclamação dos colegas, o ex-líder do governo Bolsonaro Carlos Portinho (PL-RJ) pediu que os apoiadores de Marinho cobrassem os senadores “civilizadamente”.

A assessoria do senador eleito afirma que o movimento é espontâneo e que não concorda com tentativas de intimidação aos membros da Casa.

União Brasil, Podemos e PSDB devem reunir as bancadas na segunda (30) e na terça-feira (31), às vésperas da eleição. Para vencer a disputa, o candidato precisa obter 41 dos 81 votos em primeiro ou segundo turno.

A eleição para a Mesa Diretora do Senado ocorre logo após a cerimônia de posse dos 27 eleitos. Os senadores novos que se tornaram ministros—Flávio Dino (PSB-MA), Camilo Santana (PT-CE), Wellington Dias (PT-PI) e Renan Filho (MDB-AL)—devem participar da votação antes de deixar o mandato.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4